

OS PIONEIROS



Este é o quarto programa da série Os Pioneiros que a TV Nacional exibe todas as quartas-feiras no horário das 21:15, contando a história da construção de Brasília através de pesquisa e depoimentos de seus participantes. Este quarto programa foi realizado na casa de um pioneiro, o senhor Jarbas Costa, localizada na Velhacap, reunindo para as comemorações de Natal muitos daqueles que participaram dos primeiros momentos de construção e vida de nossa cidade. Hoje, pela TV, você pode assistir ao quinto programa da série de vinte programas de Os Pioneiros.



Tião da Onça: "No meu primeiro Natal em Brasília, eu chorei de solidão"

Luciano Pereira, guarda-campo de JK, recebendo a "turma" de pioneiros

Natal em Brasília era uma grande confraternização, lembra Lia Costa

Dezembro de 1983. Casa de Jarbas e Lia Costa, na Velhacap. Ali, na Rua do Sossego, o casal e sua família recebem a equipe do programa e um grupo de pioneiros para uma galinhada em comemoração ao dia de Natal.

Lia Costa — (Dirigindo-se ao dono da casa) Sr. Jarbas, sua mensagem de Natal pela TV.

Jarbas Costa — O que eu desejo é um bom Natal e um bom Ano Novo. E também para todos que estão aqui reunidos.

Lia Costa — No princípio era uma confraternização muito grande. Não só entre brasileiros, mas entre pessoas de outras nações. Não tinha distinção. Minhas filhas, por exemplo, convíviam com os filhos de deputados, de senadores. Eles vinham à minha casa. Era uma confraternização que a gente não via em outras cidades.

Tânia — Gente, tem pioneiro demais. Por onde começar? AQUI, pelo Tião da Onça. Você passou algum Natal aqui, naquela época?

Tião da Onça — O primeiro Natal que passei aqui, em dezembro de 1956, foi o único em que chorei na minha vida. Pois tinha deixado minha família no Rio, estava acostumado a me reunir com toda a família no Natal, e aquele Natal estava muito chuvoso.

Tânia — Feto hoje, não é?

Tião da Onça — Feto hoje não, nós não tínhamos a cerveja de hoje, não é? Passei aquele Natal olhando para o tempo, com muita chuva, com amigos com quem, naquele tempo, eu trabalhava. Mas como nós sabíamos que o destino era fundar aqui uma Capital, Natal, dia de ano e carnaval era a mesma coisa, só trabalho, a luta, o amor ao trabalho, para que a gente pudesse alcançar o que estamos vendo hoje: esta Capital que já fez médicos, engenheiros, advogados e muitas famílias.

Tânia — Você disse que encontrou aqui na festa muitos conhecidos. Quem é esse moço aí?

Tião da Onça — Esse moço é o filho do Dr. Juca Chaves, a pessoa com quem trabalhei muitos anos e quem me trouxe para Brasília.

Tânia — Como é seu nome?

Luiz Otávio Chaves — Luiz Otávio. Eu vim pra cá com treze anos, em 1958. Cheguei aqui na cidade adolescente. Vim da praia de Ipanema. Eu jogava vôlei em Ipanema e, de repente, estava no cerrado. Nesse cerrado vermalho, nessa poeira fantástica, no meio de um canteiro de obras. E esse o princípio da história. Foi um choque muito grande, não é? De repente, da areia branca, do vôlei de Ipanema para o vermelho do cerrado foi um choque muito grande, não é? Foi uma sacetada.

Tião da Onça — Esse menino veio para cá acompanhando o pai dele. Quando o pai entrava nas obras ele ia atrás. Era muito arto. O pai tinha que chamar a atenção porque senão ele se perdia no meio dos candangos.

Tânia — Como as crianças brincavam?

Luiz Otávio — A gente pegava ca-

rona, caçava paca, tatu, veado, e rodava muito pela cidade. Era uma vida muito ligada à natureza, um negócio muito silvestre, não é?

Tânia — Namorada mesmo não tinha, não é? Não tinha mulher por aqui...

Luiz Otávio — Sempre pintava, sempre pintava...

Tânia — Você passou algum Natal aqui?

Luiz Otávio — Passei alguns. Normalmente a gente ia para o Rio, no Natal. Era uma coisa interessante. O cerrado muito escuro, as luzes da cidade apareciam pouco. Trabalhava-se muito à noite. As luzes das construções iluminavam toda a cidade, talvez mais que hoje. Não tinha iluminação de rua, mas a iluminação da obra era uma iluminação muito bonita. Feérica. Inclusive, no início, tinha-se o hábito de deixar muita luz à noite para retratar as construções. Era uma iluminação muito bonita, não é, Tião?

Olga do Nascimento Monteiro (irmã-pioneira) — E mesmo o farol das máquinas, não é? A gente via de longe o farol das máquinas trabalhando. À noite, então, era uma beleza. Do acampamento a gente via tudo iluminado. Era uma beleza mesmo! No primeiro Natal que passamos aqui foi tudo iluminado pelos faróis das máquinas que terraplenavam, que faziam todo o serviço de construção, urbanização da cidade.

Tânia — Que música se tocava na época?

Irmã Olga — Eu me lembro de "Noite Feliz". Inclusive, na missa que foi celebrada na Igreja da Cidade Livre todo mundo chorou quando começou a tocar "Noite Feliz". Era gente de toda parte do Brasil. A gente ouvia vozes nos mais diversos sotaques. O pessoal estava com os olhos cheios d'água, as vozes embargadas. Quase não se conseguiu chegar ao fim da música.

Tânia — Senhor Lázaro, o Senhor encontrou algum tipo por aqui?

Lázaro — Encontrei um conhecido antigo lá do Núcleo Bandeirante...

Tânia — E o Mário Moreci.

Lázaro — Pois é, do Café Brasília.

Tânia — Vocês se conheceram naquele tempo?

Lázaro — No Núcleo Bandeirante a gente conhecia todo mundo não é? Era um movimento muito grande. O Mário mexia com uma indústria de café e eu trabalhava nas companhias, mas sempre estava lá no Núcleo em contato com esse povo todo. A gente se encontrava na praça do Mercado, naquelas reuniões ali... A gente estava sempre junto...

Mário Moreci — Era uma comunidade tão bonita, era como se fossemos todos irmãos. Não tinha esse negócio de ser do Mato Grosso, do Piauí, não tinha nada desse negócio aqui. Era como uma família.

Tânia — E as festas de Natal?

Lázaro — Todos os Natais que passei nas companhias eram uma festa mesmo, porque nosso patrão determinava que cada cozinheiro iria fazer umas coisas. Uma fazia quibe, o outro fazia galinha, outro fazia pastel, etc. No dia de Natal tinha às vezes galinhada. No dia de Natal só tinha almoço. A janta era na base de salgadinhos, etc.

Tânia — E era alegre?

Lázaro — Era muito alegre. Lá na Nacional, principalmente. Papai Noel desceu de helicóptero no acampamento.

Tânia — Onde?

Lázaro — Na Nacional, que estava construindo o Congresso Nacional. Anunciaram que o Papai Noel ia descer no acampamento. Tinha muita gente no acampamento, e ele desceu mesmo. Mas eu sabia que o Papai Noel era o Valentim, dono das cantinas das obras. Ele foi escondido para o Aeroporto, tomou o helicóptero e desceu no meio do acampamento. Foi aquela festa, uma meninada danada, aquele povão medonho... Foi uma alegria.

Tânia — Dr. Jairo, o senhor é o primeiro médico de Brasília?

Dr. Jairo Almeida — Sim, sou. Cheguei aqui em 1956. Nos primeiros dias de dezembro de 1956. Fui nomeado no Rio, quando a Novacap ainda se achava lá, em 15 de novembro de 1956.

Tânia — Luciano, foi você que recebeu no aeroporto?

Luciano (Administrador do Catetinho) — Eu era o guarda-campo do Presidente. Foi em quem recebi essa turma toda no aeroporto do Catetinho.

Dr. Jairo — O Luciano é o pioneiro do Catetinho. De forma que é o testemunha de minha chegada no avião do Governador de Goiás, que mandou que me trouxessem para cá.

Tânia — O senhor veio contente ou contra a vontade?

Dr. Jairo — Vim contente. Eu fui indicado para vir para Brasília porque o Presidente Juscelino disse ao Israel que era preciso um médico para cá. Ai chamaram o Dr. Júlio Soares, que era o cunhado de Juscelino, para indicar um médico. Ai ele conversou com o Bolívar Drummond, que era meu colega de turma e que indicou meu nome. Eu vivia em Belo Horizonte, era viúvo, e ele queria um médico já experimentado e que fosse obstetra, ginecologista, cirurgião. Então o Drummond indicou meu nome. E eu, como era um caçador do sertão, aceitei de bom grado, é claro.

Tânia — E nunca mais saiu daqui?

Dr. Jairo — Estou aqui até hoje.

Tânia — E seu primeiro Natal aqui?

Dr. Jairo — O primeiro foi aqui na Velhacap. Tínhamos um clube aqui, chamado Paranoá. Então comemoramos ali, porque não tinha outro lugar.

Tânia — (Dirigindo-se à filha de D. Dolores, uma das primeiras cozinheiras do Catetinho) e você? Com quantos anos veio para cá?

— Três anos.

Tânia — E sua primeira lembrança?

A gente brincava muito, eu era muito pequena. Então, todos se dedicavam muito a mim. O Dr. Jairo, então, sempre me trazia presentes. Eu era uma criança muito paparicada, sabe?

Tânia — D. Dolores, e o Natal no Catetinho? Todo mundo lá embora?

D. Dolores — Bem, é porque as famílias ainda não moravam aqui. Muitos iam, quase todos iam. Quem não podia ir é porque tinha muito

trabalho, pois o trabalho aqui não parava. Então ficava. Como eu, por exemplo. O Natal era muito bom, era uma família só. De modo que a gente era muito presenteada. Era uma coisa muito alegre, muito boa.

Tânia — E o senhor? O senhor era o pagador, não é? Todo mundo tinha muita alegria em lhe ver, não é?

Alfredinho — Tinha. Tinha muita alegria. Quando viam o Alfredinho, no jipinho verde, era aquela alegria. Era um dinheiro milcho mas dava pra tudo, não é? Porque hoje não dá pra nada. Ganha-se muito mas não dá pra nada.

Tânia — Você trabalhava no escritório da Novacap?

Alfredinho — Eu trabalhei no Departamento Financeiro da Novacap de 57 a 61, depois fui para o GDF, onde estou até hoje. Cheguei aqui em 1956.

Tânia — Alfredinho...

Alfredinho — Alfredo Alves da Silva, o Alfredinho. Alfredinho do jipe verde.

Tânia — O do tutu.

Alfredinho — O do tutu.

Tânia — Você se lembra de quanto ganhava um operário?

Alfredinho — Minha filha, naquela época eu cancel de fazer pagamento do sujeito assinar o envelope sem ter dinheiro dentro.

Tânia — Por quê?

Alfredinho — Porque o que ele fazia já estava pago adiantado. Dois mil, três mil, cinco mil. Ele tirava adiantado e quando recebia era só o envelope. Assinava o recibo, outros colocavam a impressão digital.

Tânia — O senhor estava aí falando do Dr. Jairo. Qual é a participação dele na sua vida?

Alfredinho — Na minha vida? Foi o homem que, além de médico de todo tipo, foi o pai de sete filhos meus nascidos aqui em Brasília.

Dr. Jairo — Eu fui o primeiro pai. Eu posso dizer que Brasília nasceu em minhas mãos. Eu fui o pai de sete filhos. Porque eu era um médico parteiro, cirurgião, resolvia os casos pequenos que aconteciam, no Departamento de Saúde da Novacap, na Velhacap. O primeiro parto eu fiz em 1957, talvez em fevereiro. No acampamento da Metropolitan. Foi chamado de madrugada e lá fiz o parto de D. Joanita, mulher do Sr. Valfredo Franklin de Freitas. Sugeriu aos pais que pusessem no filho o nome de Brasília. E que eu convidaria o Presidente Juscelino para padrinho. E isso foi feito. Juscelino foi padrinho do menino. Há muitos colegas que receberam homenagens, coisas de pioneiro, diplomas, medalhas do Buriú. Eu não sei, eu estou escondido num canto por aí e ninguém está sabendo de mim não. Eu recebi duas comendas, inclusive do Marechal Pessoa, e o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, em sessão solene, convocou os verdadeiros pioneiros de Brasília. Foi convocado como o primeiro médico.

Tânia — Foi na época em que o Dr. Ernesto Silva estava organizando o serviço?

Dr. Jairo — O Dr. Ernesto é que organizou. O Dr. Ernesto Silva é o pioneiro-mor. Ele já tinha vindo aqui um ano antes da criação da No-

vacap. Veio com a comitiva do Marechal José Pessoa. Acampava-se aqui no Ribeirão do Acampamento (N.T.: situa-se nas imediações da Água Mineral). Depois ele voltou como Diretor da Novacap. Aqui chegou com ele. Trouxemos na passagem por Goiânia outro médico, o Dr. Edson Porto, que veio para atender no ambulatório do INPS, IAPI naquele tempo. Chegando aqui fizemos o saneamento com o pessoal das Endemias Rurais. Pesquisamos moscas aí dos ribeirões para saber mais sobre a febre amarela, malária. E tudo deu negativo. Não há malária no Planalto.

Tânia — Eu queria saber mais um pouco sobre o pagamento... Quanto ganhava um operário aqui?

Alfredinho — O peão ganhava por hora.

Tânia — Qual era o tempo de trabalho do operário?

Alfredinho — Dez horas por dia.

Tânia — Enquanto quanto dava?

Alfredinho — Era... Tânia, até eu estou enrolado, sabe por quê? Porque um operário, quando ganhava bem, estava bem assalariado, ganhava três mil e quinhentos cruzetões por mês.

Tânia — Esse dinheiro dava para pagar o quê? Quanto custava o alojamento?

Alfredinho — Não custava nada. O alojamento era por conta do governo. E esse dinheiro dava pra tudo. Meu primeiro pagamento foi três centos e oitocentos!

Tânia — E quanto o senhor ganhava antes de Brasília?

Alfredinho — Eu trabalhava por conta própria. Sou profissional e meu conhecimento em Brasília, com os administradores de Brasília, foi através de uma profissão que tive e a qual dei muito carinho, dei muito valor: barbeiro.

Tânia — Barbeiro tem muita história...

Alfredinho — Tem. Se eu for contar as minhas histórias de Brasília você vai ter que ficar 1 dia, 2 dias, 3 dias com esse microfone na mão. Agora, o caso mais importante que eu encontrei na minha vida foi essa tal de Brasília. O que passa em Brasília estou passando até hoje. São 27 anos. Eu me fichel na Novacap, na descarga. Você sabe o que é descarga? Pois é, só eu sei. Com 16 dias pedi as contas porque um chefe engrossou comigo. Eu pedi as contas. Eu não tinha vínculo pra fazer força não. Eu tinha uma profissão, certo? Então quiseram me colocar na polícia. Na GEB, Guarda. Eu nunca fui de polícia. (Risos) eu estou rindo porque eu não gostaria de falar nisso. Mas eu posso falar. O bom é a gente falar a verdade, contar aquilo que era verdade. Ai eu falei com o encarregado de um "Pitt"...

Tânia — O que é isso?

Alfredinho — Descarregava caminhão de cimento, caminhão de tábuas, essas coisas. Mas o chefe do material era meu chapa, me conhecia, sabia que era um profissional. Naquela época, em 1956 pra 1957, ele me dava valor porque eu fazia tudo por eles e eles por mim. E eu já fazendo conhecimento com o diretor financeiro, com o motorista do diretor financeiro...

Tânia — Tinha muita diferença naquele tempo?

Alfredinho — Não, não tinha não. Com o motorista do diretor executi-

vo, que era o Dr. Ernesto Silva...

Tânia — Ai você pediu as contas?

Alfredinho — Eles quiseram me castigar e eu pedi as contas. Porque estava chegando um caminhão de cimento e o encarregado do depósito, que já era meu conhecido, me disse: vá cortar o cabelo do motorista do Dr. Iris Melmberg. Esse motorista se chamava Brasil, certo? O motorista não estava me esperando não, era só pra eu sair para não descarregar o caminhão. Porque eu não ia fazer força, eu não vim para fazer força mesmo. Era um profissional qualificado, tinha minha profissão, só andava arrumadinho.

Tânia — O seu negócio era fazer força...

Alfredinho — Não era mesmo não. Nunca foi. Eu não sou guindaste. Eu nunca fui de fazer força mesmo. Sempre tive profissão e hoje ganho do governo exatamente o que mereço.

Tânia — Você trabalhou como barbeiro também?

Alfredinho — Eu sempre tive salão. Meus fregueses no início de Brasília eram o Dr. Iris Melmberg, que era diretor financeiro da Novacap; o finado Sayão mandava me buscar para a casa dele, onde eu cortava o cabelo dos filhos dele. Eu tenho navalha até hoje. Nunca fiz a barba do Presidente Juscelino, mas eu tinha competência para fazer. Mas Bernardo Sayão, o Dr. Ernesto Silva, o Dr. Israel Pinheiro, essa gente toda, o Dr. Marcos Valdetaro, chefe dos Transportes... Eu fui um elemento pequeno mas com regalias aqui dentro de Brasília. Eu tinha avião à minha disposição para fazer pagamentos fora de Brasília. Eu não tenho nada mas me julgo muito feliz. Tem gente aqui, agora, que pode confirmar o que estou falando.

Tânia — O senhor encontrou muita gente conhecida aqui hoje?

Alfredinho — Vixe! Encontrei! Pra início de conversa: o dono da casa. E meu amigo e conheci as filhas dele desde mocinhas novas. E hoje estamos todos aqui juntos, pertinho.

Tânia — Comemorando o Natal, Alfredo. Essa aqui é a Mara Romeu. Ela é astróloga. Ela vai contar pra gente se a posição dos astros favorece Brasília ou não em 1984. A cidade tem um signo? A cidade nasceu quando foi inaugurada ou quando começou a construção?

Mara Romeu — (Mostrando o mapa astrológico) Essa posição é exatamente a fotografia planetária da cidade quando foi inaugurada às 24 horas do dia 20 de abril de 1960. Quem estava aqui sabe disso.

Tânia — Qual o signo de Brasília?

Mara — Sol em Touro, ascendente Aquário e Lua em Pêlax. Brasília é do signo de Touro.

Tânia — e a senhora?

D. Mercedes (esposa do Sr. Luciano) — Eu vim em 1957. Eu ficava mais em casa. Nunca trabalhei. Tinha 5 crianças pequenas.

Tânia — E isso não era trabalho?

D. Mercedes — E, né? Mas eu vim no dia 20 de julho de 1957.

Tânia — Você veio gostando?

D. Mercedes — Gostando demais. Adorei Brasília desde o primeiro dia. Fiquei numa barraca de lona com muito lobo em volta, muito perigo, mas eu adorava.

Tânia — O Luciano veio na frente, não é?

D. Mercedes — Ele veio em 1956, seis meses antes de mim. Mas eu vim aqui antes. Vim na primeira missa.

Tânia — Aquil é a dona da casa. Há quanto tempo a senhora mora aqui?

Lia Costa — 25 anos.

Tânia — De quem era essa casa?

Lia Costa — Aqui morou o Dr. Joffre Mozart Parada, depois o Dr. La-combe e depois eu vim morar aqui. Morei 3 anos lá na casa da frente, quando vim de Belo Horizonte.

Tânia — Quem morava aqui nessa rua?

D. Lia — Nesta rua morava o Dr. Sayão, o Dr. Joffre, o Dr. Vasco, o Dr. Moacir, e um outro engenheiro cujo nome não me lembro. Eram 5 engenheiros da Novacap.

Tânia — Tem gente aqui que a senhora não vê há muito tempo?

D. Lia — Tem muita gente que eu não via. Uma confraternização muito boa. A Olga, olha a Olga ali!

Irmã Olga do Nascimento Monteiro — Eu morei aqui no alojamento desde 1957. Passeava muito aqui pela rua do Sossego, vinha à casa dos diretores... Mas a senhora mudou pra cá depois que eu já tinha saído.

D. Lia — Eu me lembro de você ali no Lactário...

Irmã Olga — No Lactário das Pioneiras Sociais, lá na Candangolândia. Nós trabalhávamos também junto ao Hospital Volante, lembrasse?

D. Lia — Claro, me lembro demais. Naquela época as minhas meninas eram pequenas.

Tânia — E o Natal, D. Lia?

D. Lia — Bom, o Natal era muito em família, não é? Mas eu tive muitos Natais pitorescos, porque eu recebia muita gente da família que vinha passar o fim do ano conosco. A gente fazia serenata na Candangolândia. Eu hospedava umas vinte pessoas aqui em casa. Foi muito bom. Minha casa era muito frequentada. Hospedei gente do Brasil e da Europa.

Tânia — Parece que a Velhacap vai acabar...

D. Lia — Não vai acabar, vai ser transferida para a parte de cima do acampamento.

Tânia — O que a Senhora acha disso?

D. Lia — Eu acho horrível. Pra mim, pra mim. Sair daqui da minha casa pra morar num lote pequeninho, eu não estou gostando não. Não é bom para mim não.

Tânia — Não tem mais jeito?

D. Lia — Creio que não, pois a parte de baixo do acampamento ficou com a Zoolotânica e a parte de cima ela cedeu à Terracap. O projeto está pronto, não é? Não sei como vai ficar não.

Tânia — O que a senhora acha que deveria ser feito com sua casa?

D. Lia — Acho que a casa deve ser conservada, não é? Porque não vai ficar nenhum ponto de referência histórico aqui na Velhacap. Porque realmente a Velhacap é a mãe de Brasília.

Jarbas Costa — A casa não é minha, é de todos os amigos que aqui estão hoje. Eu queria que esta festa se repetisse pelo menos uma vez por semana. Fico muito feliz de ver todo mundo reunido aqui hoje.